

FUGINDO DO ANTI-SEMITISMO: JUDIAS ALEMÃS EM ROLÂNDIA (PR)

Handrea Miranda de Paiva Pinceli ¹

RESUMO

Apresenta-se aqui uma análise das ideias prévias de alunos que cursam a 8ª série sobre as origens de Rolândia, no norte do Paraná, tendo em vista o estudo sobre o anti-semitismo verificado na segunda guerra mundial. Se organiza em torno de algumas questões que estão relacionadas ao cotidiano de mulheres judias através da análise de seus depoimentos que registram o início da colonização de Rolândia, durante a década de 1930. Reflete sobre como os alunos vêem a mulher na História, como sujeitos ativos ou como meras coadjuvantes, verificando a existência de uma idéia enraizada de que mesmo trabalhando muito, as mulheres continuam ocupando um lugar secundário e praticamente oculto na sociedade. A reflexão ampara-se na teoria de Ausubel quanto a importância do conhecimento prévio dos alunos para que haja uma aprendizagem significativa e também em Rösen que entende a consciência histórica como algo inerente do ser humano. Para as reflexões sobre o feminino destacam-se as proposições de Perrot e Priori.

PALAVRAS CHAVES: ensino de História; história das mulheres; história local

ABSTRACT

We present here a review of previous ideas of students who made the 8th grade about the origins of Roland, in the north of Paraná, in view of the study on anti-Semitism occurred in World War II. It is organized around some issues that are related to daily Jewish women through the analysis of their statements that record the early colonization of Rolândia during the 1930s. Reflects on how students view women in history, as active or as supporting, verifying the existence of an idea rooted that even working hard, women still occupy a secondary and almost hidden in society. Thinking it is grounded in Ausubel's theory about the importance of students' prior knowledge so that there is a significant learning and also Rösen who understands the historical consciousness as something inherent in human beings. For reflections on the female there are the propositions of Perrot and Priori.

KEY WORDS: History teaching, women's history, local history

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por tema a trajetória de mulheres judias alemãs que imigraram para Rolândia (PR) a partir da década de 1930 e durante a segunda

¹ Orientação: Regina Célia Alegro.

guerra mundial. Nesse período houve uma intensa manifestação de violência contra “minorias”² com modos de destruição ainda desconhecidos. Usando uma expressão de Hobsbawn pode-se dizer que a Europa testemunhou o “(...) assassinato mecanizado em massa de judeus”. Lenharo afirma que “(...) o nazismo aperfeiçoou a máquina de morte e destruição em outros campos – os de concentração – na sanha de chegar à solução final” (1998, p. 77).

Menos de 100 anos antes da segunda guerra mundial o filósofo Dühring recomendava que os alemães, relativamente aos judeus, “(...) não deveriam ficar inibidos por qualquer escrúpulo, e sim usar os mais modernos métodos de desinfecção” (DÜRHRING apud MORASHA, 2002). Posturas assemelhadas levaram, durante a guerra, à adoção de uma “filosofia da desinfecção” praticada com o uso de máquinas como as câmaras de gás (MORASHA, 2002).

Entre as minorias atingidas destacam-se os judeus. O nazismo era o primeiro movimento anti-semita a propor a completa destruição dos judeus. O estado alemão começou a utilizar meios de comunicação como jornais, rádios e cinema para propagar mensagens anti-semitas. A intensificação do anti-semitismo tornara-se cada vez mais evidente, pois Hitler declarava que os judeus faziam parte de uma raça inferior, sendo capazes de corromper e destruir a pureza alemã. O anti-semitismo como uma doutrina ou movimento contra os judeus, “(...) a prática de um Estado que arquitetou, de forma lógica e sistemática, a destruição de um povo” (CARNEIRO, 2007, p. 6; (KOSMINSK,1984).

Primeiro perderam o direito de cidadãos alemães e direitos políticos, depois foram expulsos dos serviços públicos, das profissões liberais e das instituições culturais. Agravando ainda mais com a publicação das Leis de Nuremberg, em 1935, onde foram implantadas as idéias de pureza racial, ficando proibido as relações conjugais entre arianos e judeus. De acordo com

² “Numa sociedade global uma minoria é uma sociedade particular caracterizada por aspirar a um modo de viver próprio que a distingue do conjunto e que, de certo modo, a põe à parte. Uma minoria não está necessariamente afastada ou isolada da sociedade nacional. Uma minoria constitui-se como colectividade ou comunidade particular na base da raça, da língua, da religião ou de um gênero de vida e de cultura muito diferentes do resto do país ou conjunto. Deste modo se criam ligações afectivas e afinidades que tendem a afastar este grupo do resto da população ainda que ele se encontre disperso” (BIROU, 1982).

essas leis, aquele que tivesse algum parente judeu até a quinta geração era considerado judeu. Foi nesse período que muitos alemães se descobriram judeus, devido aos seus ancestrais, como avós e bisavós. Como lembra Käte Kaphan: “Quando as coisas começaram a se agravar, ninguém mais queria se relacionar conosco. (...) Ninguém visitava o judeu Kaphan! (...) Eles mesmos se comprometeriam, se convidassem um judeu” (FISCHER, 2005, p. 84).

A situação piorou ainda mais em 1938, com a Noite dos Cristais, com a destruição de sinagogas, casas comerciais e residências. Diante dessa realidade, não restavam muitas opções para os judeus que ainda tinham condições financeiras para deixar o país, como afirma Carneiro, “A vida tornava-se impossível para os judeus, que não tinham outra opção senão emigrar. O mais difícil, porém, era encontrar um país que se dispusesse a aceitá-los, visto que o anti-semitismo não era ‘privilégio’ apenas dos alemães”. (...) Como tais, deveriam deixar o país ou, numa segunda fase, seriam eliminados em massa” (2007, p. 37; 39).

Nessa época se intensifica a vinda de judeus alemães que se refugiam no Brasil. Também Rolândia (PR), fundada em 29 de junho de 1934, tornou-se destino de judeus alemães. “Stadtplatz”, era assim que os judeus chamavam Rolândia, na década de 1930, quando nas ruas ou se afundava na lama quando chovia, ou se afundava no pó. Desde 1933 até 1939, das 400 famílias de origem alemã que se estabeleceram em Rolândia, cerca de oitenta eram de origem judaica³. A presença de alemães é tão intensa que o nome da cidade pressupõe uma referência a Roland o herói imaginário da liberdade, com uma estátua em praça pública tal como ocorre em muitas cidades alemãs. Aliás, essa estátua é uma réplica de outra instalada em Bremen.

Foi realizado um intercâmbio entre a Companhia de Terras Norte do Paraná e os imigrantes⁴. A imigração era garantida através de uma troca, em que o capital desses imigrantes era incorporado aos bancos a fim de transformá-los em equipamentos para a construção da estrada de ferro. Em troca os judeus alemães se livravam da morte.

³ A vinda de famílias alemãs no período de 1933 a 1939 se comprova através de depoimentos de imigrantes, mas também consta nos registros de primeiros lotes da Gleba Roland vendidos em 1932.

⁴ A colonização de Rolândia está intimamente ligada à colonização do norte do Paraná. “Fundada em 1934, num extenso platô, em forma de espigão, coberta por mata virgem” (PORTELLINHA, 2003, p. 33).

Acompanhando Kosminsky é possível afirmar que esse grupo se constituía como parte da: burguesia alemã-judaica que, por possuir recursos pode “safar-se a tempo, e por ter compreendido que a última alternativa seria a emigração” (1984, p.101).

Os judeus que se estabeleceram em Rolândia eram em sua maioria, da classe média alta como: comerciantes, advogados, políticos, médicos, juristas, economistas; a maioria vinha das grandes cidades, como Berlim, Frankfurt, Hamburgo, seguidas de Colônia, Bremen, Breslau e outras. E como afirma Geert Koch-Weser: “Não foi numerosa, como se alega, a emigração de judeus banidos de sua pátria. Ela começou somente quatro anos após a fundação da colônia (Rolândia), e não se tornou de nenhum modo quantitativa, mas em compensação, tanto mais significativa e qualitativa...” (in PORTELLINHA, 2003, p. 59).

Partiram dos grandes centros das artes, dos teatros, da literatura, dos grandes jornais, concertos, óperas, da boemia intelectual e das universidades de alta qualidade e se fixaram no norte do Paraná.. E como entender a preferência pela mata em Rolândia, ao invés de se fixarem na cidade de São Paulo, já desenvolvida nessa época? Utilizando-se de depoimentos citados por Kosminsky, compreende-se o orgulho que tinham de sua cultura quando alegavam que: “É preferível emigrar de Berlim para a mata virgem do que para cidades de pouca cultura...” e “Não podemos, só porque um louco governou a Alemanha, renegá-la. Em Rolândia nós continuávamos a cultivar a cultura alemã, de Goethe e Thomas Mann, entre outros” (1984, p.101).

Essas famílias judias em Rolândia se concentraram na zona rural dedicando-se ao cultivo da terra, da criação de animais e da comercialização de produtos agrícolas. Mas antes foi preciso, como assinala Fischer, “Desbravar florestas virgens, curar doenças tropicais, executar tarefas ignoradas no campo e nas casas, como empregadas: muitas novidades

esperavam essas [mulheres] judias, que começaram a fugir da Alemanha para o Brasil, a partir de 1933” (2005, p.16).⁵

Diante desses elementos gerais, como estudar conteúdos relativos à segunda guerra mundial, com alunos de 8ª série do ensino fundamental sem se reportar à experiência de Rolândia? Por outro lado, quem eram esses judeus vindos da Alemanha para Rolândia? Embora a população identifique a cidade como "de colonização alemã", muito pouco se sabe sobre esses alemães. A memória cultivada refere de modo genérico, homens que se instalaram na cidade. Mas, ainda hoje permanecem muitas questões, como por exemplo: e as mulheres, participaram do processo, o que lhes aconteceu?

Localizar essas mulheres em Rolândia pode constituir-se numa estratégia para o ensino, potencializada pela articulação entre história local e mundial, uma vez que é reconhecida como uma cidade que abrigou muitos judeus alemães fugitivos dos conflitos na Europa.

Embora os estudos existentes sobre a imigração judaica concentrem-se na figura masculina, considerando o homem, como o único responsável pela estrutura familiar, o presente trabalho pretende refletir sobre a participação de mulheres neste contexto. Acompanhando Priori, acredita-se que “(...) essas mulheres são encontradas nos limites da sociedade, entre outros grupos de minorias, elas nos falam por intermédio dos documentos históricos, contando-nos sobre as violências e humilhações que sofreram, o ainda sofrem, o sobre seus prazeres, de ontem e de hoje” (1996, p. 80).

E por que estudar sobre as mulheres judias? Trata-se de compreender o papel das mulheres como agentes responsáveis pelos seus destinos individuais e coletivos, suas resistências e transformações, ou seja, a análise da mulher como sujeito ativo da História. Então, seria possível compreender a formação de Rolândia associada a esse contexto? E ainda, seria possível compreender a segunda guerra mundial por meio das lembranças dessas mulheres?

⁵ “(...) o refugiado judeu vinha para ficar, estava em busca de uma pátria, da terra prometida”. CARNEIRO, 1996, p. 36).

Pretende-se seguir aqui o indicativo de Michelle Perrot sobre a história das mulheres: "(...) o que torna pertinente uma história das mulheres, onde elas se revelam não como figurantes, mas protagonistas da história" (1991, p.13). E ainda, através da análise de Nancy Green (1991), que descreve o papel específico da mulher na cultura judaica. Como a mulher é vista no judaísmo se, numa família judia, a esposa e mãe são tidas como o esteio da casa, pois são elas que determinam a atmosfera do lar? Considerando que o centro do judaísmo não é a sinagoga, mas sim, o lar, daí se entende que a principal responsabilidade da mulher é manter acesa a chama da tradição judaica. (comunidade *shema* Israel). Portanto, se a mulher é vista como peça importante na formação do núcleo familiar judaico, infere-se que ela seja, além de agente histórico que determina e transforma o seu meio, portadora da memória coletiva.

Desse modo, as mulheres judias, provenientes da Alemanha nazista, onde vivenciaram circunstâncias hostis ao exercício da religião, das tradições judaicas, e da própria identidade, encontraram no norte do Paraná, que passava pelo período da chamada colonização, circunstâncias favoráveis às expectativas de reconstruir suas vidas.

É através desse olhar sobre a mulher judia imigrante em Rolândia (PR) que será analisada a fuga do nazismo para um "refúgio nos trópicos" (CARNEIRO, 1996, p. 35), onde a garantia fundamental é uma só: não serão mortas. O que acontece a essas mulheres habituadas aos livros, teatros e universidades das grandes cidades européias, quando passam a morar em ranchos, a terem de se alimentar de palmito, tendo que plantar, colher, matar porcos? O que acontece com sua cultura, tradição, religião, quando tem que enfrentar uma nova língua, se adaptar ao clima, e a um povo com características e costumes tão diferentes dos seus?

Além disso, o recorte proposto permite ao aluno entrar em contato direto com fontes históricas podendo vivenciar o que as Diretrizes Curriculares de História afirmam: "O trabalho com documentos em aula proporciona a produção de conhecimento histórico quando usado como fonte em que se buscam respostas para as problematizações formuladas. Assim, os

documentos permitem a criação de conceitos sobre o passado e o questionamento dos conceitos já construídos" (2008, p. 51).

O ensino de história não se restringe a transmissão dos conhecimentos históricos ou também chamado, conteúdo histórico, ele está fundamentado na construção do conhecimento histórico, onde o aluno deve estabelecer relações entre o passado estudando a sua realidade. Para isso, o professor deve dominar o conjunto teórico metodológico específico da disciplina história, e ter a clareza das estratégias cognitivas de produção do conhecimento histórico.

Acompanhando Rüsen que considera que a narrativa histórica não é mera descrição, mas, uma constituição de sentido sobre a experiência humana no tempo: "O homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, a fim de poder agir nesse decurso temporal, ou seja, assenhorar-se dele de forma tal que possa realizar as intenções do seu agir" (RÜSEN, 2001, p. 58.). Portanto, a teoria reconhece a idéia de consciência histórica como um conjunto de ações de orientação da pessoa no tempo, tendo como âncora o conhecimento histórico.

Tem-se aqui que a experiência com a exploração de documentos no ensino de História pode facilitar ao aluno o reconhecimento de alicerces da própria consciência e da historicidade do ser humano. Percebe-se a importância de observar o que os alunos sabem do assunto e oferecer a eles elementos que lhes permitam reconhecer diferentes sujeitos, suspeitar das concepções majoritárias e ideológicas, diferenciar as próprias idéias e conceitos, a fim de ampliar seus horizontes.

Assim, esse artigo é uma análise de depoimentos escritos de mulheres judias que emigraram para Rolândia na década de 1930 fugindo do nazismo. Considerando a importância do conhecimento prévio do aluno, esse trabalho foi iniciado pela identificação das idéias que os alunos possuíam acerca do tema abordado. O recorte para o trabalho permitiu estudar: o estudo sobre o feminino e das lembranças verificadas através da análise de documentos históricos referentes ao anti-semitismo, nazismo e a imigração judaica para Rolândia (PR), sobre a colonização do norte do Paraná, a

Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) e o desenvolvimento de Rolândia.

DESENVOLVIMENTO

A aprendizagem significativa se fundamenta num modelo dinâmico, no qual o aluno é levado em conta, com todos os seus saberes e interconexões mentais. Assim, a aprendizagem se dá quando o aluno (re) constrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai possibilitá-lo agir e reagir diante da realidade. Para Ausubel (1980), a aprendizagem significativa ocorre quando o aluno aprende a partir de situações em que o mesmo pode comparar e associar de acordo com seus conhecimentos prévios, podendo então conhecer, fazer, viver e essencialmente ser, ou seja, partir daquilo que o aluno já sabe, reforçá-lo e valorizá-lo é fazê-lo sentir-se parte do processo de aprender e, paralelamente, é elevar sua auto-estima.

Nessa perspectiva foram analisadas as idéias sobre as origens de Rolândia mediante emprego de questionário. Os alunos que participaram da pesquisa freqüentam o Colégio Estadual Souza Naves, em Rolândia. O grupo é composto por 60 alunos, em 3 turmas de 8ª série, originários de diferentes regiões do município, logo, com diferentes experiências escolares e possivelmente indicando diversidade de narrativas relacionadas à colonização de Rolândia.

Para a consideração das idéias dos alunos recorreu-se aqui à análise de conteúdo, técnica que prevê os seguintes passos: "(1) a desmontagem dos textos, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes; 2) estabelecimento de relações, que é a categorização; 3) captar o novo emergente, que é a compreensão renovada do todo; 4) um processo auto-organizado, do qual emergem novas compreensões". (MORAES, 2003, p. 207).

A Intervenção Pedagógica

Após a coleta das idéias dos alunos, a intervenção pedagógica foi planejada de uma forma em que as idéias dos alunos fossem levadas em

conta, para haver entendimento de novos conceitos, almejando o conhecimento pela própria experiência. Para isso foi trabalhado com documentos históricos, através de depoimentos de imigrantes judias, a fim de comparar e analisar com suas idéias prévias.

O trabalho foi iniciado através de um documentário sobre Rolândia, com a imagem do trem, o conhecido Maria Fumaça, viajando pelo norte do Paraná, até chegar em Rolândia. O objetivo foi colocar os alunos diante dessa cena, tão diferente da atual, para que houvesse uma reflexão comparativa da Rolândia que eles conhecem hoje, com a daquela da década de 1930. Além de abordar a importância do trem, como meio de transporte mais utilizado naquela época, comparando com a análise que fazem dele hoje, um incômodo para os transeuntes. Analisando as imagens filmadas de Rolândia nessa época, foram feitas indagações sobre : Quem estaria chegando em Rolândia, naquele trem? Assim, foi apresentado aos alunos uma cópia de um passaporte de uma jovem senhora judia alemã, onde foram analisados o nome, a procedência e o “J” carimbado nesse documento. Partindo desse recorte para a ligação com o contexto geral, a segunda guerra mundial, o anti-semitismo, introduzindo o conteúdo sobre as mulheres judias e a colonização de Rolândia. Ao partir da questão quem colonizou Rolândia, percebe-se quase uma unanimidade na resposta com relação aos alemães, em questão de gênero, homens alemães, parece que apenas homens colonizaram a cidade. Adentrando mais ao assunto, foram explicados a origem dos judeus, povos semitas e o judeu alemão, aquele que se adaptou ao estilo de vida da Alemanha.

Com o intuito de entender que a história não é apenas o estudo do passado, nem como ciência, nem como ensino, mas pressupõe a ligação entre passado, presente e futuro, assim como afirma Rüsen: “(...) é a tradução do passado ao presente, uma interpretação da realidade passada via uma concepção da mudança temporal que abarca o passado, o presente e a expectativa de acontecimentos futuros” (RÜSEN, 1992, p.29)

O material elaborado através do caderno pedagógico oferece uma leitura baseada em relatos sobre o cotidiano de mulheres judias nos primeiros anos da cidade de Rolândia (PR). A narrativa busca o olhar daquelas mulheres sobre a experiência cotidiana e apresenta aquilo que encontrou a partir desse

olhar. Como essas mulheres fugindo do nazismo contariam sua história, ou seja, seu recomeço no início de Rolândia? E foi a partir da colonização de Rolândia, com a vinda de judeus alemães que foi introduzido o tema sobre a segunda guerra mundial. A mais violenta guerra ocorrida entre 1939 a 1945, matando tantas pessoas e destruindo tantas coisas, pois além de tantos que tombaram nas batalhas, 6 milhões de judeus foram mortos nos campos de concentração nazista. Os alemães nazistas que eram anti-semitas, quando Hitler assume o poder, passam a perseguir esse povo. Primeiro os expulsa das escolas, dos empregos públicos, das profissões liberais, limitando cada vez mais sua liberdade como cidadão. Depois de algum tempo, lojas comerciais judias são incendiadas, judeus ricos tiveram seus bens tomados e foram obrigados a pregar uma estrela amarela de pano em suas roupas, afim de serem identificados e discriminados. Numa segunda etapa, os nazistas prendiam os judeus e os enviavam para os campos de concentração, intensificando mais tarde com a solução final. Diante desse quadro em quase toda a Europa, com a expansão e domínio nazista em muitos países europeus, fez com que muitos judeus se interessassem em comprar lotes de terra fora do país e conseguissem fugir para o norte do Paraná, na cidade de Rolândia.

O plano de unidade teve como tema: Mulheres Judias nas Origens de Rolândia. E o seu objetivo geral foi investigar o cotidiano de mulheres judias durante a colonização de Rolândia (PR) inserindo o tema num estudo sobre o anti-semitismo verificado na segunda guerra mundial.

Como objetivos específicos de ensino estabeleceu-se:

- Identificar os aspectos históricos do anti-semitismo na Europa, que determinaram a vinda de judeus para Rolândia, no norte do Paraná;
- Analisar a importância da (CTNP) no processo de emigração dos judeus para Rolândia;
- Estudar depoimentos de imigrantes judias sobre sua trajetória, da Alemanha até Rolândia, os obstáculos que enfrentaram, as primeiras impressões, a adaptação e as mudanças que presenciaram;
- Verificar como o governo de Getúlio Vargas recebeu os judeus refugiados.
- Estudar o nazismo em seu contexto mundial e como consequência a imigração judaica para o Brasil, especificamente Rolândia(PR);

- Identificar as idéias que os alunos possuem acerca da colonização de Rolândia;
- Estudar textos históricos referentes ao anti-semitismo, imigração, colonização, CTPN;
- Analisar depoimentos de mulheres judias quanto a sua saída da Alemanha e adaptação em Rolândia.

As idéias dos alunos

Em primeiro lugar foi perguntado aos estudantes: Quem construiu Rolândia?

Os 60 alunos responderam que a colonização ocorreu por grupos de nacionalidade – não por gênero, profissão, classe social, etc –, sendo que 54 indicaram essa ordem de freqüência: alemães, seguidos de japoneses, italianos e portugueses. A maioria dos imigrantes chegou à cidade por meio da CTNP que organizava a colonização do norte do Paraná priorizando áreas para grupos por nacionalidades. “Assim é que vinham se localizando nas glebas Roland, os alemães, na gleba Cafezal, a maioria dos japoneses, na gleba Rolândia, portugueses e espanhóis” (VILLANUEVA, 1974, p. 77). A cidade conserva uma memória por vários meios, inclusive a praça com a estátua Roland, os museus e eventos como a *Ocktoberfest*.

Após a intervenção pedagógica continuaram prevalecendo entre os alunos as mesmas idéias, apenas com uma pequena diferenciação: afirmaram que em Rolândia chegaram alemães e judeus alemães.

A pergunta 2 solicitava aos alunos que listassem situações de práticas de preconceito que conheciam.

De 60 alunos, 44 responderam a existência de preconceito contra negros, seguidos de pobres e deficientes. A maioria dos alunos ao responder essa questão se baseou no contexto atual, de acordo com a ênfase do discurso da política pública no que se refere a cotas, bolsas, etc, ou seja, a política de assistência proveniente do governo atual. As informações apresentadas pela mídia é que orientam a percepção dos alunos (tem o poder de formar opinião). Porém, quanto ao preconceito com as mulheres, foi citado por apenas 5 alunos, demonstrando a pouca relevância dessa questão na opinião deles.

Após a intervenção, racismo contra o negro foi o que prevaleceu com 22 citações, seguidos de 10 citações aos pobres e 2 para os deficientes. Porém, o que se observou foi uma mudança na opinião dos alunos, pois em suas citações 20 alunos colocaram o judeu como vítima do preconceito, seguido de 7 votos para a mulher. Pode-se dizer que a intervenção mostrou alguma eficácia ao apresentar aos alunos práticas de preconceito numa determinada época (década de 1930) contra um povo em particular (o judeu) e quanto ao gênero (a mulher judia). Pelas respostas dos alunos a eficácia menor é relativa ao gênero contrariando o objetivo central do projeto de ensino. Nesse sentido os alunos conservaram elementos que lhes permitiam generalizações sobre o tema:

“Os judeus eram discriminados na Alemanha. Para entrar no Brasil, tinha que ter muita sorte, porque eles tinham o passaporte com o carimbo “J”, e a maioria não entrava.” (Antonio Gabriel de Freitas, 14 anos)

“Preconceito com os judeus, pois eles foram expulsos do seu país, pois era considerada raça imunda” (Ulíeda da Silva Oliveira, 16 anos)

“Os judeus não podiam ler os livros que trouxeram da Alemanha, não podiam falar alemão, nem ouvir notícias pelo rádio da Alemanha.”

(Emerson Silvestre de Souza, 14 anos)

“Os judeus eram discriminados pelos nazistas e aqui no Brasil por Getúlio Vargas”. (Renan Francisco, 14 anos)

A pergunta 3 indagava se já tinham ouvido falar de mulheres presentes nos primeiros tempos da colonização de Rolândia? De 60 alunos, somente 15 responderam sim. Desses, dois alunos destacaram suas avós, e o restante, como mulheres que vieram acompanhadas de seus maridos. Como refere o aluno José Luís Fernandes (15 anos): “As mulheres dos homens que moravam em Rolândia” Assim, como os demais, o aluno parece não ter informações sobre a ação de mulheres nos primeiros tempos de Rolândia, apenas que eram como acompanhantes dos homens.

No levantamento posterior 27 citaram algumas senhoras judias, os demais permaneceram com as idéias antigas. O trabalho com entrevistas de mulheres judias ampliou as leituras dos alunos: “Judias que vieram da

Alemanha e eram ricas, e aqui tiveram que pegar na enxada”. (Leandro Leite Costa, 13 anos).

Perguntados sobre quais atividades as mulheres desenvolveram no início da colonização de Rolândia, 42 alunos responderam que trabalhavam na agricultura, plantando e colhendo ajudando o marido, seguido do trabalho em casa e criação dos filhos. Daniele Mocci França de 13 anos tem uma opinião comum à maioria: “As mulheres cuidavam da casa, dos filhos, ajudavam na roça, colhiam café, carregavam lenha, costuravam e algumas eram parteiras”. Apesar de identificarem várias funções femininas, a mulher é concebida como a acompanhante do marido e o seu serviço como complementar ao dele, ou seja, elas nunca são vistas como sujeitos do processo.

Após a intervenção não foram observadas mudanças nas idéias dos alunos, apenas tinham mais informações que confirmavam suas antigas concepções: “As mulheres matavam porcos, faziam lingüiça, trabalhavam no campo, limpava a casa, lavava a roupa no rio e cuidava das crianças” (Juliana Cristina Rogério, 13 anos); “Algumas moças eram babás em outras fazendas” (Luana Fernanda de Souza, 15 anos); “As mulheres faziam serviços pesados”. (Guilherme Henrique, 14 anos). O aspecto mais destacado pelos participantes foi o trabalho de empregada doméstica, indicado por 27 alunos. É clara a associação com o tratado em aula: algumas judias tiveram que trabalhar como empregadas domésticas quando chegaram em Rolândia, pois suas fortunas se perderam no “trajeto” até Rolândia. “Algumas mulheres tiveram que trabalhar como empregadas domésticas para famílias mais ricas” (Melissa Correia Zanin, 13 anos); “Trabalhavam como faxineiras para os mais ricos” (Talyta Félix, 15 anos).

Percebe-se que os alunos concebem o quanto a mulher trabalhou, porém eles possuem um princípio muito forte que faz com que a reconheçam apenas ocupando um papel de coadjuvante na história. Mesmo não sendo o preconceito declarado, pois talvez eles nem o percebam, mas é bastante consistente e as aulas não foram suficientes para relativizá-los. Como observa Perrot: “O caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona de casa... O trabalho doméstico resiste às evoluções igualitárias. Praticamente nesse trabalho, as tarefas não são compartilhadas

entre homens e mulheres. O pano, a pá, a vassoura e o esfregão continuam a ser os seus instrumentos mais constantes” (2007, p.115).

Perguntados, os participantes escreveram o que sabiam sobre os judeus, sendo que 17 responderam nada saber, 9 disseram que eram fugitivos do nazismo e o restante, um povo que não acredita em Jesus, que mora em Jerusalém, e que está guerreando por seu território. A informação que possuem parece bem superficial como é observado na resposta de alguns: “Povo que usa um pano redondo, como uma tigelinha na cabeça” (Paulo Patryck, 13 anos); “Levam sua religião a sério e adoram um só deus” (Rodrigo da Fonseca Marques, 13 anos); “Que usa um chapeuzinho na cabeça e tem uma religião diferente” (Ingrid Lima, 13 anos). Verifica-se que a situação da mulher não incomoda tanto os alunos quanto a dos negros, pobres e deficientes.

Em síntese, o questionário prévio forneceu duas informações básicas: a primeira no que se refere a colonização de Rolândia que está associada a grupos nacionais e o desconhecimento quanto ao grupo judeu-alemão que esteve presente neste período. E ainda, informações relativas à mulher e o seu papel na cidade. Porém, na segunda coleta foi a questão que ensejou mais mudanças nas respostas dos alunos: 49 responderam que os judeus foram fugitivos da Alemanha nazista e que se refugiaram em Rolândia no início da colonização, através da compra de lotes de terras da CTNP. “Os judeus foram expulsos de sua terra por causa de sua raça, e tiveram que fugir da Alemanha para não morrerem nos campos de concentração” (Gabriel Metzger, 13 anos); “Sofreram muitas perseguições durante a segunda guerra mundial pelo nazismo e vieram para Rolândia para se livrarem da morte” (Luís Guilherme de Almeida, 14 anos); “Eles fugiram da Alemanha para não morrer. E quando vinham para o Brasil, sofriam nas mãos do governo de Getúlio Vargas” (Henrique Cesar Barros, 14 anos); “Eles foram peças fundamentais para a colonização de Rolândia” (Charlise Regina, 14 anos)

Após a experiência realizada pode-se afirmar que pensar as origens de Rolândia sob o ponto de vista das mulheres judias nos proporciona uma nova visão dessa história. E sabemos que as mulheres têm participação antes

insuspeitada nos destinos individuais e coletivos. Como se pode observar em depoimentos como o de Käte Kaphan:

Eram as mulheres que mais pressionavam para sair da Alemanha. Os homens por muito tempo não queriam acreditar no que estava acontecendo e o que havia de vir. As mulheres já estavam se informando, estabelecendo contatos, se preparando, enviando os filhos para escolas agrícolas. Com certeza foram as mulheres que tomaram a iniciativa para vir para o Brasil” (FISCHER, 2005, p.86).

Mas essa aprendizagem não é tão fácil. Sob a perspectiva de alunos de 8ª série, a mulher continua ocupando um papel secundário na vida e na história. E isso se deve ao aprendido, mas também ao não aprendido, ou seja, a ausência de determinados conteúdos (assim como de abordagens) pode interferir no modo como as novas gerações concebem e se posicionam. Isso se comprova pela resposta dos alunos: “(...) nunca ouvi falar de mulheres na colonização de Rolândia”. De fato, a produção bibliográfica utilizada como referência para o ensino da história local não vai muito além de “mulheres que acompanharam seus maridos”. Não se trata aqui de “cobrar” de historiadores e memorialistas anteriores questões e abordagens que se apresentam a nós. Mas de continuarmos o trabalho já iniciado de problematização da memória e de busca de novos objetos. Essa tarefa, ao que parece, não é tarefa apenas dos pesquisadores, mas também dos professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem de História.

No caso das mulheres judias em Rolândia (PR) percebemos a necessidade que as impulsionou para sobreviver e salvar seus familiares.

Misturadas com as caboclas, as judias alemãs chamavam a atenção pela falta de jeito com o trabalho duro da lavoura e pelas roupas que usavam, como luvas, vestidos, chapéus finos trazidos da Europa. Com as mãos e braços machucados, unhas sujas, rostos queimados pelo sol e as roupas grudadas no corpo encharcado de suor, essas mulheres passavam o dia inteiro trabalhando na lavoura, elas que antes viviam rodeadas de empregados. Tiveram que se adaptar e viver sem carro, luz elétrica, água encanada, aprender a andar a cavalo ou de charrete. Cada família tinha que construir sua casa, plantar e formar seu pomar e pasto. As primeiras plantações foram de

subsistência, como milho, arroz, batata, mandioca. Além do trabalho na roça, cabia às mulheres a criação dos filhos e os serviços domésticos,

Assim relata uma senhora que não quis se identificar:

Minha vida no Brasil foi o meu segundo nascimento. Mimadas como éramos em casa, aqui íamos direto para o curral. Domingo ou feriado, tanto fazia, era preciso ordenhar as vacas. Mas também festejávamos bastante. Todos eram jovens, ninguém tinha dinheiro e, depois de dois anos, eu estava casada. Quando volto lá atrás e me recordo dos anos difíceis, concluo que a vida de nossos pais foi muito mais difícil. Os mais velhos tiveram de deixar para trás tudo o que haviam construído. Nós, jovens, só começamos a construir depois (in FISCHER, 2005, p.60).

A ligação dos judeus com a cultura alemã era tão intrínseca que verificamos através de depoimentos a tristeza ao deixarem aquele país. O elo era tão forte que a maioria afirma que saiu da Alemanha somente devido à perseguição, pois se não o fosse, jamais sairiam. Verificamos que a dor deste povo não se deu somente pela perseguição e morte, mas também a dor de deixar aquele país, aquela cultura, aquele ritmo de vida, com afirma Carneiro “A idéia ultrapassava o valor material das coisas: perdia-se muito mais que uma casa, um jogo de talheres de prata, cristais, jóias, bibliotecas, dinheiro. Num sofrido processo de deterioração perdia-se a identidade, o direito de ser cidadão, e como tal, o direito à vida” (1996, p.35-36).

Atracados no Rio de Janeiro, seguiam até Santos, onde realmente podiam respirar aliviados do poderio alemão. A viagem seguia para Ourinhos num trem por mais de 20 horas. Segundo um depoimento de uma senhora que não quis se identificar,

A única coisa de que me recordo é que chegamos de trem. A estação de Rolândia tinha acabado de ser inaugurada e todo o mundo ia para lá ver quem chegava e quem partia. E, quando alguém chegava, todo mundo queria saber o que trazia; e, quando alguém partia, todos queriam mandar alguma correspondência ou outra coisa. A certa altura, meu pai, ainda dentro do táxi, disse: “Estamos chegando a Rolândia”. Eu olhei para a esquerda, olhei para a direita e perguntei: ‘Quando vamos chegar a Rolândia?’ E meu pai respondeu: ‘Já passamos.’ Havia uns casebres de madeira, nunca vi nada parecido em minha vida. Nem imaginava que aquilo poderia ser considerado casas – e isso era Rolândia. Acabamos nos adaptando.”(in FISCHER, 2005, p.60-61).

Hertha Levy também comenta sobre sua primeira impressão da cidade:

Quando cheguei, na parte de cima, na estrada, só via mata, e no meio, uma pequena clareira com uma casinha, duas vacas e um pouco de grama. Eu estava feliz e pensava: 'Isto agora será meu. (...). Eu tinha uma paixão pelas florestas, ainda em casa, e nunca tive medo de mata virgem. Mas eu não sabia que não dava para entrar na mata. Foi uma decepção. Não dava por causa dos espinhos e das formigas. Assim foi meu começo" (in FISCHER, 2005, p.40-41).

No que se refere a sua adaptação e cotidiano em Rolândia percebeu-se a formação de uma identidade desses que possuíam uma "história em comum" vindos de ambientes semelhantes e se encontravam em Rolândia como um grupo de "perseguidos" e "refugiados", cujo único interesse era o de sobreviver num ambiente rústico e tão diferente do seu, como se observa no comentário de um imigrante: "Quanto à adaptação em terras distantes e selvagens (...) Não foi fácil para nós aprendermos a língua portuguesa... Acostumar-se ao clima estranho do trópico, da mata virgem, foi outra dificuldade (...) as picadas dos borrachudos (...) o bicho-de-pé (PORTELLINHA, 2003, p.73).

Nos primeiros dez anos, a água era a de poço e a luz de querosene e vela. As casas eram feitas de tábuas, com grandes varandas "(...) onde se desenrola grande parte de nossas vidas e é, ainda hoje, um lar confortável. As paredes de peroba, portas e armários embutidos, o assoalho de cedro e a cobertura de telhas..." (PORTELLINHA, 2003, p.72)

Os meios de sobrevivência vinham do trabalho no campo, como o leite que essas mulheres tinham que tirar da vaca antes do sol nascer, para vendê-lo na cidade era transportado por carroça. Depois passaram a vender manteiga, nata, ovos, enfim, tudo o que era produzido na casa.

Apesar de toda essa diferença na vida, percebe-se a unanimidade na conservação de suas bibliotecas particulares, como declara Herta Levi "Dávamos muita importância aos livros. Não queríamos deteriorar intelectualmente.

Mantivemos viva a cultura alemã, que na Alemanha estava sendo destruída. Queimada literalmente” (in FISCHER, 2005, p.43).

Como comenta a senhora Inge Rosenthal: “Éramos uma comunidade bastante fechada. A maioria trouxe grandes bibliotecas, havia muitos livros para emprestar. Os senhores de grande cultura sempre davam palestras – a associação cultural alemã em Rolândia se chamava Pró-Arte” (in FISCHER, 2005, p.74)

Quando se depara com depoimentos como o de Susanne Behrend que diz: “Minha mãe havia movido céus e terras para conseguir tirar meu pai do campo de concentração e para conseguir os vistos de permanência para a família” (in FISCHER, 2005, p.26), ficam evidentes os sinais da ação feminina, pois enquanto a maioria dos homens estavam presos nos campos de concentração, eram elas que corriam atrás de tudo para libertá-los e fugirem, comprovando que “elas não são apenas criaturas, são também criadoras, e modificam incessantemente o processo que as faz.” (PERROT,1991, p.141). O mesmo se percebe na sua atuação nas origens de Rolândia.

Conhecimento histórico dos alunos após intervenção pedagógica

Para Ausubel (1980) o conjunto dos resultados das experiências de aprendizagem de uma pessoa (sua estrutura cognitiva) está organizado em conglomerados hierarquizados de conhecimentos. A primeira coisa quando alguém recebe uma informação nova é a tentativa de incluir essa informação com as informações já presentes na sua estrutura cognitiva. Se o receptor de informação consegue “ancorar” o conhecimento novo no conhecimento velho de forma interativa, ocorrerá uma aprendizagem significativa, assim, conhecimentos antigos podem adquirir novos significados. Foi através dessa perspectiva que após a intervenção pedagógica, o questionário foi reaplicado para análise do conhecimento histórico dos alunos. Por essa atividade foi possível perceber as mudanças (e as permanências) relativas ao conhecimento dos alunos sobre os temas abordados.

Verificou-se, então, que os novos conhecimentos que se adquirem, relacionam-se com o conhecimento prévio que o aluno possui, ou seja, as

idéias novas só podem ser aprendidas e retidas de maneira útil, baseando-se em conceitos já disponíveis. É necessário aproveitar tudo aquilo que o aluno tem armazenado no seu campo cognitivo e utilizar como norte para o desenvolvimento da aprendizagem.

Assim, ao analisar as idéias prévias e posteriores dos alunos, verificou-se uma relativa mudança de conhecimentos quanto à fundação de Rolândia, a presença dos judeus e, particularmente, das mulheres judias na cidade. A expectativa de que os alunos verificassem a ligação da história mundial com a história local foi satisfatória, pois era quase unânime o desconhecimento da presença judia no município.

E é tarefa do professor proporcionar novas informações e facilitar o confronto com as que já possuem e assim fazer surgir uma nova concepção. Nesse sentido é que se buscou estudar o feminino, em especial a mulher judia, a fim de reconhecer-lhe um lugar na história, como agente social ativo, produtiva, e que não vivia apenas na sombra do marido. A meta é reconstituir seu lugar no mundo, seja ele individual ou coletivo. Como afirma Perrot: “As mulheres fazem a história da mesma forma como tomam o próprio destino nas mãos”. Pode-se afirmar que esse objetivo foi parcialmente realizado, pois os alunos não alteraram significativamente idéias preconceituosas relativas ao feminino e seu lugar na sociedade.

CONCLUSÃO:

A realização dessa pesquisa foi muito significativa, no que se refere a importância dada as idéias prévias dos alunos que foi o ponto de partida deste trabalho, pois verificando o conhecimento que os alunos possuíam foi possível mapear o desenvolvimento do tema quanto ao estudo da colonização de Rolândia, o porquê dos judeus se refugiarem nesse local e o papel da mulher nesse período. Os alunos conseguiram fazer a distinção entre o imigrante alemão e o imigrante judeu alemão, este como refugiado, em que sua vinda significava o livramento da morte, pois na Alemanha ele já não era mais bem quisto e que graças a uma transação comercial, este povo adquiriu propriedades de terras no norte do Paraná e aí se instalou.

Quanto a participação da mulher nesse processo, a utilização da análise de depoimentos foi de suma importância e muito apreciado pelos alunos, pois o contato com esse documento histórico facilitou a compreensão do estudo. Assim, o trabalho com memória e identidade social vinculados a acontecimentos vividos pelo grupo facilitaram a aprendizagem sobre temas abrangentes como a segunda guerra mundial e a imigração de europeus para o Brasil.

Observou-se uma significativa mudança na concepção dos alunos quanto a colonização de Rolândia, porém quanto ao feminino, não houve uma mudança considerável, pois parece estar enraizado nesses o conceito de que a mulher aparece na História, ocupando um espaço nulo e invisível. Fato esse, que não os incomoda em nada, ao contrário, é demonstrado como algo natural em suas vivências. Portanto, o que se conclui é que o tema relacionado ao feminino necessita ser ainda trabalhado em sala de aula a fim de desenraizar o conceito, proporcionando novas visões para que o novo possa surgir.

Ao concluir a experiência posso dizer que observei com maior clareza como a interação com os colegas e professores auxilia o aluno a construir seu conhecimento, apreender modos diversos de pensar e, assim, clarear seu próprio pensamento, ou seja, construir significados, estabelecer relações; perceber limites, descobrir no outro possibilidades para si.

BIBLIOGRAFIA

AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BARDAN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIROU, Alain. **Dicionário de Ciências Sociais**, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1982

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Brasil, um refúgio nos trópicos**. São Paulo: Estação Liberdade Ltda, 1996.

DEL PRIORI, Mary. **Histórias do Cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

DEL PRIORI, Mary. **A mulher na história do Brasil**. 3ed. São Paulo: Contexto, 1992.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. In: **Alea**. Vol. 7. Número 2 Julho-dezembro, 2005, p.305-322.

FISCHER, Güdrun. **Abrigo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **Rolândia, a terra prometida: judeus refugiados do nazismo no norte do Paraná**. Dissertação (mestrado em História). USP. São Paulo, 1984.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: o triunfo da vontade**. São Paulo: Ática, 1998.

MAIER, Mathilde. **Os jardins da minha vida**. São Paulo: Massao Ohno, 1981.

MAIER, Max Hermann. **Um advogado de Frankfurt se torna cafeicultor na selva brasileira**. Rolândia: Velox, 1975.

MELLO, Lucius de. **A Travessia da Terra Vermelha: uma saga dos refugiados judeus no Brasil**. São Paulo: Novo Século, 2007.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Educação, Porto Alegre, v.22, nº37, p.7-32, mar.1999.

MORASHA. Edição 38, set 2002. Disponível:
http://www.morasha.com.br/conteudo/TOPICOS/anti_semitismo.asp

OBERDIEK, Hermann Iark. **Fugindo da morte: imigração de judeus alemães para Rolândia-PR na década de 1930**. Londrina: UEL, 1997.

PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná: História**. Curitiba: SEED, 2006.

PERROT, Michelle. **História das mulheres do ocidente**. São Paulo: Afrontamento, 1991.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social in Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: Teoria da História**. Brasília: UnB, 2001.

SCHWENGBER, Cláudia Portellinha. **Aspectos Históricos de Rolândia**. Cambé: Wgraf, 2003.

VILLANUEVA, Orion. **Rolândia terra de pioneiros**. Londrina: Gráfica Ipê, 1974.